



Intersecções entre a teoria do cotidiano de Agnes Heller com a História do Tempo Presente atravessadas pelas relações de gênero e cuidado

Etiene Rabel Corso¹
Luciana Rosar Fornazzari Klanovicz²

Resumo: Ao propor este trabalho a indagação reside em refletir como podemos ampliar a função prática da história na vida cotidiana das pessoas? Buscarei entrelaçar a teoria do cotidiano de Agnes Heller (1970) e a abordagem da história do tempo presente. A teoria de Heller é baseada na compreensão da vida cotidiana como um domínio central para a análise social, argumenta que é no cotidiano que as estruturas sociais são reproduzidas e contestadas pelos indivíduos, enfatiza a importância da rotina, das práticas cotidianas e das relações sociais na formação da identidade e realidade. Por sua vez, a História do Tempo Presente tem como foco a análise dos eventos contemporâneos e recentes como objetos de estudo histórico, argumenta que o presente é moldado por acontecimentos passados imediatos, e a compreensão desses eventos é essencial para uma análise histórica mais abrangente, busca investigar as conexões entre passado e presente, identificar as causas e consequências dos eventos contemporâneos. Finalmente, a intenção é atravessar as relações de gênero e cuidado com as teorias do cotidiano e do tempo presente e sintetizar em que ponto elas interagem e convergem, apresentando a minha proposta de pesquisa na tese de doutorado, em que utilizarei da coleta de dados através do método da história oral e grupo focal, onde o atravessamento da história de vida de muitas mulheres se confunde diretamente com a dinâmica viva do conhecimento, sobre esses elementos e aspectos, pretendo discorrer.

Palavras-chave: Gênero; Cuidado; Tempo.

A título de contextualização, trago que durante as leituras para escrita do meu projeto de doutorado no Programa Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, me aproximei da produção teórica a respeito do cuidado com a alimentação nas comunidades mostram que são realizadas especialmente pelo gênero feminino e fortemente influenciada por questões culturais, da natureza e da produção agrícola da região, com importância também da cultura indígena, negra e quilombola e raízes religiosas. Também extraí a percepção do atravessamento do gênero feminino nos processos de educação não formal, na prática dos cuidados realizados por mulheres, na utilização dos recursos disponíveis na natureza para solução dos problemas e relacionados aos cuidados dentro das comunidades, especialmente no que diz respeito à alimentação, desnutrição e obesidade.

A partir das leituras, nota-se a responsabilidade que mulheres carregam em manter viva esta prática ao longo do tempo, ensinamento que é transmitido de maneira oral e



informal e o quão importante a figura da líder comunitária dentro das redes de apoio criadas em cada território.

Vemos também que o recurso dos cuidados tradicionais ensinados pelas mulheres mais velhas as mais novas se mostram ao longo do tempo que vão se atualizando e adequando às necessidades atuais das pessoas envolvidas, dentro do contexto da realidade cotidiana, do presente e da necessidade imediata.

São práticas marcadas pelo gênero feminino, afinal, ao longo dos séculos, o cuidado, seja no âmbito privado (família) ou no público (profissões) sempre foi um espaço reservado à mulher. A prática de produção de receitas nutricionais, remédios caseiros, naturais e com plantas é um determinante social marcado pelo feminino.

Ao propor o trabalho para este simpósio, a indagação central reside em refletir como podemos ampliar a função prática da história na vida cotidiana das pessoas, entrelaçando a teoria do cotidiano de Agnes Heller (1970) e a abordagem da história do tempo presente, de forma a incitar que as teorias dialoguem, tendo como pano de fundo as categorias analíticas de gênero, geração e cuidado não remunerado, materializando o que pretendo trabalhar na minha tese de doutorado pelo Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário pela Universidade Estadual do Centro Oeste.

Preliminarmente, cumpre explanar que a teoria de Heller é baseada na compreensão da vida cotidiana como um domínio central para a análise social, argumenta que é no cotidiano que as estruturas sociais são reproduzidas e contestadas pelos indivíduos, enfatiza a importância da rotina, das práticas cotidianas e das relações sociais na formação da identidade.

Por sua vez, a História do Tempo Presente foca a análise dos eventos contemporâneos e recentes como objetos de estudo histórico, onde o presente é moldado por acontecimentos passados imediatos, e a compreensão desses eventos é essencial para análise histórica abrangente, investigando as conexões entre passado e presente, identificando as causas e consequências dos eventos contemporâneos.

Entender como, na condição histórica se desenvolveram as práticas de forma não disciplinar e sob que condições essas líderes comunitárias e a procura por tais práticas mostram-se condizentes no contexto sociocultural de onde estão inseridas é minha proposta de pesquisa na tese.



A intenção é atravessar as relações de gênero e cuidado com as teorias do cotidiano e do tempo presente e sintetizar em que ponto elas interagem e convergem e ainda, analisar a categoria cuidado não remunerado atravessada pelas categorias de gênero, geração sob a luz do referencial teórico do feminismo popular e comunitário, compreender a relação e importância do cuidado com a alimentação por elas realizado e não remunerado dentro da sociedade capitalista patriarcal.

Alguém já parou para pensar o que aconteceria se todas as mães e cuidadoras entrassem em greve? Vamos entender mais sobre a economia do cuidado. Sílvia Federici (2019), nos orienta que aquilo que chamam de amor, é trabalho não remunerado. Essa enorme diferença entre eles e elas é resultado de uma construção social histórica que destina às mulheres ao lar e os homens aos espaços públicos. Com o passar do tempo, as mulheres foram ganhando espaço no mercado de trabalho, mas os encargos do lar continuam quase que exclusivamente delas. As consequências da sobrecarga, resultante da dupla jornada de trabalho, se mostram cada vez mais evidentes atualmente e transbordam para diferentes aspectos da vida da mulher.

Cuidar e ser cuidado são questões fundamentais para a humanidade e envolvem os seres humanos em diferentes etapas da vida. Dessa maneira, o cuidado é um direito do ser humano. Sendo assim, tanto quem cuida quanto quem recebe o cuidado necessita ter as condições adequadas para que isso se realize. Este processo de efetivação do cuidado é permeado por questões econômicas, sociais, ambientais e políticas, sobretudo pela construção social histórica de se constituir enquanto trabalho gratuito, realizado no âmbito familiar, não valorizado socialmente, e que reflete as desigualdades de classe, de raça e de gênero.

Sabemos que a transmissão de saberes passa por transformações ao longo do tempo, e que o papel de mulheres na construção de estratégias de formação e preservação de saberes é uma questão de gênero profundamente vinculada a tradições geracionais e necessidades da coletividade Fiuza; Klanovicz (2016).

Nesse contexto de corpo social e da influência das categorias de gênero e geração, é possível extrair elementos tais como o cuidado exercido por mulheres, em especial realizado com o uso de bens naturais, tais como ervas, raízes, folhas, entre outros, para tratamento e cuidado de familiares, de vizinhos e de pessoas estranhas à comunidade na forma de chás, emplastros, alimentos e fórmulas que têm sentidos de cura, de cuidado, de espiritualidade, e que hora se encontram, ora se distanciam de saberes científicos. Para Gonçalves e Oliveira



(2018) são mulheres da comunidade requisitadas para cuidado e cura de males físicos e espirituais, expressão social em que prevalece a incidência de mulheres que realizam essas ações de cuidado em suas próprias casas de modo voluntário e gratuito. Mendes e Cavas (2017) corroboram com essa definição ao afirmar que são cuidadoras dos males físicos e espirituais de uma determinada comunidade, que utilizam de saberes transmitidos pela oralidade através de geração em geração.

Neste contexto comunitário, mergulhado em questões de gênero, geração e cuidado, observei que é uma expressão social o fato de que mulheres estão há um considerável tempo exercendo um trabalho dentro de seus territórios, no sentido de dar conta e respostas práticas para as demandas de saúde e cuidado dos seus próximos, a necessidade de estudar e compreender esse movimento de mulheres, na maioria não brancas, pobres, periféricas, rurais, indígenas, pretas ou dissidentes, me suscita uma profunda inquietude de pesquisa, trabalhando com um método que se faça a partir das mulheres e que eu mesma me faça conhecer, como diz Silva (2016, p. 10). Exercendo de modo não profissionalizado ou institucionalizado de cuidados em saúde e alimentação, lutando contra as doenças existentes em sua comunidade, contra a fome, a obesidade, a diabetes, a hipertensão, realizando uma atenção que poderíamos chamar de primária em saúde, produzindo garrafadas, benzimentos, multimisturas para anemia, para substituição alimentar, usando chás, ervas, sementes, na ausência e na resistência de/a intervenção do Estado e na dificuldade de acesso aos serviços de saúde, fazem o que é possível para resolver os problemas do território.

Trata-se de uma prática em andamento de educação não formal e interdisciplinar atravessada por questões de gênero, pelo cuidado não remunerado desempenhado por mulheres, é uma prática não formal porque se constitui com conteúdo, metodologia e relações sociais de perspectiva comunitária, fora das determinações institucionais e regras formais de avaliação. Inegável que as práticas têm papel fundamental como processo formativo que valoriza a vida e o cuidado humanizado e natural.

Sobre capacidade de cuidar, Zanello (2018) bem delineia que ele pode ser exercido por qualquer pessoa, independente de gênero, porém, ao longo dos séculos, foi delegada a responsabilidade de cuidar para as pessoas detentoras de útero (BADINTER, 1985). A história de vida de muitas mulheres se confunde diretamente com a dinâmica viva desse conhecimento e da forma como ele foi e é aprendido e ensinado, sobre esses elementos e aspectos, pretendo discorrer.



Neste sentido, faz-se necessária uma análise crítica e gendrada, crítica e feminista (ZANELLO, 2018), porque afinal, das mulheres se espera mais do que a disponibilidade, mas a servidão voluntária e permanente para todas as questões relacionadas a cuidado dentro da sociedade capitalista e patriarcal.

O trabalho comunitário é um elemento fundante da educação não-formal, as relações educacionais ocorrem na prática, a partir de um problema vivido no cotidiano, segundo uma metodologia pautada no imaginário e na experiência com os remédios baseados em ervas e raízes. As mulheres são protagonistas centrais da educação não-formal, assim como pelos relatos orais, difusão e manutenção de práticas tradicionais no cuidado do ser humano.

Esses saberes que constituem patrimônio cultural são sustentados por mulheres, que cuidam de outras pessoas em todas as fases da vida. A oralidade é fundamental para a transmissão dos saberes culturais.

Fica evidente ao longo das leituras que, a prática das líderes comunitárias, a produção remédios naturais com plantas e raízes fazem parte de uma prática marcada pela tradição e repassadas de geração em geração, sendo aprendido com antepassados e repassados de forma oral e informal para as próximas gerações (GONÇALVES, 2018), são saberes e práticas que apesar de enraizados no passado, estão em plena atividade na sociedade moderna e sendo constantemente remodeladas (RODRIGUES, 2018), importante destacar que, sendo esta prática transmitida na oralidade e com liberdade, os saberes repassados podem ser moldados, adaptados e negociados conforme as necessidades e interesses da comunidade e época (BORCHARDT; COLVERO, 2014, p. 98).

A necessidade de solucionar problemas existentes nas comunidades em que essas mulheres estavam inseridas aparece em diversas referências ao longo das leituras realizadas, o que justifica a investidura da pesquisa na tese. A seguir apresento a proposta metodológica que pretendo utilizar.

Em um segundo momento, pretendo utilizar a metodologia da história oral, para colher depoimentos com mulheres da região, para que seja possível coletar dados que subsidiem acessar seus conhecimentos e saberes, a forma como aprenderam o ofício, o modo como transmitem esse conhecimento para outras pessoas e como executam a sua prática. As memórias relatadas por essas mulheres tendem a tecer a rede de dados necessária para apresentar a forma que este saber foi repassado para elas, como aprenderam e como transmitem esse conhecimento.



Utilizarei a abordagem da pesquisa etnográfica, que nas palavras de Mattos (2011) traz importantes contribuições nas pesquisas qualitativas, com densa descrição e análise dos fatos e participação ativa dos atores envolvidos, sem padrões rígidos ou determinados, mas com instrumentais formulados de acordo com a realidade do campo e pode ser definida como a observação participante, interpretativa e com recorte de tempo estabelecido.

Para alcançar as mulheres que serão sujeitos de pesquisa utilizarei a metodologia conhecida por bola de neve, mulheres que foram atuantes na pastoral da criança, benzedadeiras, raizeiras e parteiras são um importante grupo social de grande potencial e riqueza de elementos a serem pesquisados, entretanto, podemos dizer que são um grupo escondido ou difícil de encontrar. Apesar de sabermos que elas existem, ninguém sabe dizer onde estão localizadas, justamente por se tratar de um tema sensível e/ou pela discricção que optam em ter e/ou não se queiram revelar como descreve Salvaganik e Heackathon, (2004 apud Dewes, 2013).

Ao delimitar o tempo e espaço, insta pincelar o porquê da escolha pela Região do Contestado, terra de importante localização geográfica e palco da Guerra do Contestado e das mulheres que lá desempenham a prática.

Nesta amostragem o ideal será desenvolver entre as participantes da pesquisa uma rede de amizades entre os sujeitos da amostragem, baseando-se na indicação de um indivíduo ou mais na mesma cadeia de referências, o pesquisador aponta um campo fértil e cada sujeito coloca uma semente ou mais e assim sucessivamente, até o alcance amostral desejado ser atingido.

Serão utilizados como instrumentos o diário de campo e as entrevistas gravadas e posteriormente transcritas. Para Lourau (1993) o diário de campo é uma ferramenta que possibilita ao pesquisador registrar suas impressões durante a intervenção.

Este projeto versa sobre a interdisciplinaridade dos ofícios e discursos históricos, sociais e culturalmente construídos acerca da prática. Neste campo fértil de levantamento de categorias a serem elencadas, discutidas e analisadas, terá como pano de fundo a interface das relações de gênero, etnia, classe e se materializam como marcadores sociais no desempenho deste fazer feminino.

Mais do que outras abordagens, para buscar interpretar as interações mais amplas da pesquisa, do desenvolvimento, das relações humanas dentro da linha cultura, práticas sociais, formação humana e desenvolvimento comunitário, atravessando saberes e práticas sociais,

culturais, educacionais, ambientais e suas relações com a formação humana, englobando subjetividades no contexto comunitário, busca contribuir para um entendimento mais amplo desse contexto

Acredito que, entre os impactos mais amplos do projeto, estão o desenvolvimento de novas interpretações sobre e espera-se que a investigação contribua para a consolidação da pesquisa dentro de comunidades, na formação de uma pesquisa dedicada e com envolvimento de sujeitos que produzem conhecimento e mudanças comunitárias fora do contexto da academia, o que é outro resultado previsto.

Referências

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Tradução de: L'Amour en plus.

DEWES, João Osvaldo. **Amostragem em bola de neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 09 dez. 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/93246/000915046.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2022.

FEDERICI, Silvia. . **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Trad. de. São Paulo: Elefante, 2019.

FIUZA, Debora Rickli. **O papel da educação para mulheres em situação de vulnerabilidade social**. Universidade Estadual do Centro Oeste - Unicentro: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário (Mestrado Interdisciplinar), Irati, n. 114. 2016. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCEN_e26d57e8d056f1791749b3939b0a0d22. Acesso em: 18 nov. 2022.

GONÇALVES, William Franco; OLIVEIRA, Oséias de. **“Adoro, faço com carinho, com amor”: reza e benção em Irati, PR**. Interações, Campo Grande, Irati, v. 19, n. 2, p. 257-264, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/LhsWr4q8FWMbCRHqxrkk3tt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2022.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 11º ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

LOURAU, René. **Análise institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1993.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. Eduerp: Scielo Books, Campina Grande, p. 49-83. 2011. Disponível em:



<https://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2022.

MENDES, Dulce Santoro; CAVAS, Claudio São Thiago. **Benedeiras e benzedeiros quilombolas – construindo identidades culturais**. Interações (Campo Grande), [S.L.], p. 3-14, 16 fev. 2018. Universidade Católica Dom Bosco. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20435/inter.v19i1.1568>. Acesso em: <https://doi.org/10.20435/inter.v19i1.1568>. Acesso em: 18 jun. 2022.

REIS, Tiago Siqueira [et al.] Organizadores. **Coleção história do tempo presente: volume 3**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

RODRIGUES, Gisele Silva. **O sentido político de comunidade: relações de poder e disputas territoriais em Comunidades Camponesas de Catalão (GO)**. Universidade Federal de Goiás, Catalão. 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4596/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Gisele%20Silva%20Rodrigues%20-%202014.pdf>. Acesso em: 19 set. 2017.

RODRIGUES, Melina Soares. **Benedeiras e Raizeiras: entre novas e velhas práticas**. Universidade de Brasília: Dissertação (mestrado), Brasília-Df. 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/33893>. Acesso em: 18 nov. 2022.

SILVA, Carmen Silvia Maria da. **Feminismo popular e lutas antissistêmicas**. Sos Corpo, Recife, p. 322. 2016. Disponível em: <https://soscorpo.org/wp-content/uploads/2016-Feminismo-popular-e-lutas-antissistemicas.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2022.

ZANELLO, Valeska et al. **Maternidade e cuidado na pandemia entre brasileiras de classe média e média alta**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 1-1, maio 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n286991>. Acesso em: 08 nov. 2022.